

(RE) CONSTRUIR A ESCOLA E A SOCIEDADE A PARTIR DA EPISTEMOLOGIA DE PAULO FREIRE*(RE) BUILDING SCHOOL AND SOCIETY FROM PAULO FREIRE'S EPISTEMOLOGY**RECONSTRUIR LA ESCUELA Y LA SOCIEDAD A PARTIR DE LA EPISTEMOLOGIA DE PAULO FREIRE*FIGUEIREDO, José Wnilson¹FRANTZ, Walter²**RESUMO**

O presente artigo almeja entabular uma conversa acerca da atualidade da teoria e da prática de Paulo Freire para a edificação de outra Escola e de outra sociedade, ancoradas na cooperação entre os seres humanos. Para tanto, nos apoiamos nas categorias da ética e do diálogo, inclusas na epistemologia freireana, como alicerces para a (re) construção de possíveis sendas com vistas à emergência de uma educação pautada na pessoa como um ser aberto à comunidade e ao outro, cujo objetivo primeiro seja a implantação de uma civilização fundada em uma razão solidária em substituição à atual hegemonia da razão neoliberal competitiva.

Palavras-chave: Educação. Diálogo. Ética. Razão neoliberal. Cooperação.

ABSTRACT

This article aims to open a conversation about the relevance of Paulo Freire's theory and practice for the current time with a view to building another School and another society, based on the cooperation among human beings. To do so, we use the categories of ethics and dialogue, found in Freire's epistemology, as pillars for the (re)construction of possible ways to the emergence of an education based on the person as a being open to the community and to the other, and whose first objective is the implantation of a civilization founded on a solidarity reason, in substitution of the current hegemony of the competitive neoliberal reason.

Keywords: Education. Dialogue. Ethics. Neoliberal Reason.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo entablar una conversación acerca de la actualidad de la teoría y de la práctica de Paulo Freire para la construcción de otra escuela y otra sociedad, ancladas en la cooperación entre los seres humanos. Para ello, nos basamos en las categorías de la ética y del diálogo, incluidos en la Epistemología de Freire, como bases para la (re) construcción de caminos posibles con vistas a la aparición de una educación guiada en la persona como un ser abierto a la comunidad y al otro, cuyo objetivo principal es la implementación de una civilización basada en una razón solidaria para reemplazar la actual hegemonía de la razón competitiva neo-liberal.

Palabras clave: Educación. Diálogo. Ética. Razón neoliberal. Cooperación.

¹ Instituto Federal Catarinense – IFC – Florianópolis – Santa Catarina – Brasil.

² Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ – Ijuí – Rio Grande do Sul – Brasil.

INTRODUÇÃO

Vivemos imersos em um mundo abarcado por uma crise sem precedentes na história da humanidade, a qual está submetida a uma diversidade de processos - de natureza política e pedagógica - imbrincados na e pela hegemonia da lógica do capital.

Essa hegemonia dessa lógica é organizada sob a égide do paradigma utilitarista, que orienta e organiza a vida das pessoas e o funcionamento das instituições sociais e políticas por intermédio do ideário da razão neoliberal.

Esta razão reduz as relações interpessoais e as relações institucionais por meio dos ditames e pelas regras impostas pela economia de mercado, ou seja, nesse paradigma, o pensamento e a ação que orientam o fazer político e pedagógico das pessoas estão direcionados para uma prática centrada no egocentrismo, cujo fim é a obtenção de vantagens monetárias para o autobenefício.

Na ideologia do utilitarismo, o que vale é a força e o poder do lucro e do dinheiro. As pessoas valem pelo ter e não pelo ser, já que são valorizadas apenas as dimensões do quefazer humano ligados à produção e ao consumo. Neste modo de pensar, o ser humano é considerado um “homo economicus” que conduz as ações da vida como maximizador racional.

Dessa forma, o indivíduo age pensando somente em si em oposição à concepção do “homo reciprocans” fundada no ser humano como um ser que dialoga com os outros com o intuito de estabelecer uma cooperação com o objetivo de se desenvolverem num horizonte em que todos ganham de maneira equitativa.

Em última instância, nessa ideologia, o que funciona e o que comanda a vida é o mecanismo do ganha-perde em que uma minoria da população ganha por meio da usurpação da força de trabalho da maioria dessa população.

Nesse mecanismo do ganha-perde, segundo MURARO (2012, p.01): “o dinheiro gera juros e com isto a desigualdade e a violência”. Assim, a existência humana e a existência dos outros seres vivos ficam, no ideário do ganha-perde, relegadas a um segundo plano, já que o dinheiro não é utilizado e investido com a finalidade voltada para a obtenção do cuidado e da responsabilidade com a natureza, bem como para partilha equânime dos bens com vistas à assunção de fatores indispensáveis a uma vida de qualidade para todos os seres humanos, tais como: educação, saúde e seguridade social.

Portanto, a sociedade contemporânea é regida, hegemonicamente, pela concepção de Kant formulada às avessas em que as pessoas não são consideradas como fins e sim como meios para a construção e a consecução dos projetos relacionados ao desenvolvimento. Tudo o que existe na vida está submetido ao princípio de intercâmbio. Tudo acaba tendo um preço que se negocia no mercado. (CORTINA, 2013). A pessoa acaba não sendo considerada como um ser portador de dignidade e de direitos a uma vida boa, sobretudo os mais pobres.

Esses acabam sendo descartados, muita das vezes, pelos programas das agências internacionais, como é o caso dos povos do continente africano, que se tornou um continente esquecido depois que proporcionou e ajudou o desenvolvimento de muitas nações europeias, o qual foi garantido em grande parte pelo saque das riquezas e pela exploração do povo africano, durante longos períodos de tempo, por aquelas nações.

Nessa perspectiva da monetarização da sociedade, a “mão invisível” do mercado economicista se sobrepõe aos outros aspectos – que também constituem e formam a essência e a existência do ser humano, tais como: o político, o social, o cultural, o ambiental e o espiritual -, a partir de preceitos estruturados na premissa da competitividade, do individualismo e do lucro em oposição à cooperação, à comunhão e a partilha dos bens indispensáveis à consecução de uma vida digna.

Como consequência dessa primazia do mercado, há uma desagregação do tecido social devido a um movimento de despersonalização em que o ser humano e a natureza são reduzidos a “uma máquina” a serviço da ciência e a técnica hegemônica, as quais - no cenário da globalização atual – trabalham para a edificação de um “desenvolvimento” centrado na prevalência dos ditames do capital em prejuízo do cuidado e da responsabilidade com toda a comunidade da vida (os seres humanos e os outros seres vivos).

Nesse tipo de Epistemologia, assentada no desenvolvimento produtivista, há um efeito desagregador do ponto de vista socioambiental, já que tanto os seres humanos e a natureza são atingidos pelo desequilíbrio ecológico ocasionado pela ação predatória irresponsável dos donos do capital, que se evidencia pela exclusão imposta por esses aos mais pobres e pela exaustão dos ecossistemas.

Nesse cenário, além da destruição dos ecossistemas há também a destruição dos vínculos interpessoais e institucionais centrados no respeito, na solidariedade e na reciprocidade. O outro é visto sempre como um inimigo em potencial. O que vale, nesse caso, é a luta a qualquer custo para obtenção de espaços maiores na vida pessoal e institucional pelo aniquilamento e espoliação daqueles que compartilham o mesmo território e também por aqueles que ocupam regiões diferentes. A ordem que move e impera na sociedade é a competitividade. Nessa direção, Milton Santos afirma que:

a causa essencial da perversidade sistêmica é a instituição, por lei geral da vida social, da competitividade como regra absoluta, uma competitividade que escorre sobre todo o edifício social. O outro seja ele empresa, instituição ou indivíduo, aparece como um obstáculo à realização dos fins de cada um e deve ser removido, por isso sendo considerado coisa. Decorrem daí a celebração dos egoísmos, o alastramento dos narcisismos, a banalização da guerra de todos contra todos, com a utilização de qualquer que seja o meio para obter o fim colimado, isto é, competir e, se possível vencer. (MILTON SANTOS, 2008, p.06).

Com essa exacerbação da competitividade, ocorre o recrudescimento e o aumento de problemas de diversas ordens, como a miséria, a violência, a fome, doenças, o desemprego e as catástrofes ambientais devido ao fato de que os que conseguem um lugar ao sol, nesta guerra, acabam excluindo a maioria da população mundial.

Assim sendo, os supostos vencedores dessa competição – os países ricos - acabam tendo problemas com o excesso de consumo, como é caso de doenças como a obesidade, que aparecem em grau elevado nesses países. Já os países pobres, os perdedores, vivem à volta com problemas ligados à desnutrição e miséria.

Esses problemas decorrem do modo como está organizado o mundo, no que se refere ao tipo de desenvolvimento, sob a ética da globalização neoliberal, sustentado no mito do crescimento econômico como fator de desenvolvimento humano

Essa ética se materializa por meio de falácias divulgadas pelos donos do capital, e pelos grandes meios de comunicação, as quais afirmam que o modelo de desenvolvimento das nações ocorre pela lógica fundamentada na acumulação e no progresso infinito dos bens materiais como meio indispensável para atender às necessidades de todas as pessoas.

Ao contrário, porém o que se verifica é que tipo de lógica acaba por produzir a exploração em larga escala dos países mais pobres do mundo, os países do sul global, promovida pelos países ricos, os países do norte global, através da dominação econômica, política, cultural e social destes em detrimento daqueles.

Como consequência desse modelo de desenvolvimento, há uma espécie de convivência danosa entre os países pobres e os países ricos, já que estes adotam políticas forjadas em princípios contrários aos interesses dos povos dos países pobres, sugando ao máximo os recursos naturais desses países – através de suas empresas com a aquiescência das elites econômicas e políticas dos países pobres -, bem como promovem a invasão cultural propagada, em sua maioria, pela escola e pelos grandes meios de comunicação, apoiados pelos grupos internos e externos a esses países, ligados ao sistema capitalista forjado na acumulação, na exclusão e na opressão. Na visão baumaniana, o capitalismo é:

Um sistema parasitário. Como todos os parasitas, podem prosperar durante certo período, desde que encontre um organismo ainda não explorado que lhe forneça alimento. Mas não pode fazer isso sem prejudicar o hospedeiro, destruindo assim, cedo ou tarde, as condições de sua prosperidade ou mesmo de sua sobrevivência. (BAUMAN, 2010, p.08).

Esse sistema parasitário vigente atualmente tem suas raízes fincadas no passado, em que as nações do Norte global impuseram o seu domínio econômico, político e cultural as nações do sul global. Esse domínio foi efetuado por intermédio do uso da força bruta e da ideologia submetidas aos povos dessas nações para que estes fossem “os hospedeiros” dos povos do Norte Global, servindo-os de maneira irrestrita, no que se refere ao pensar e agir como seres dependentes e colonizados, ou seja, como seres que não atuam a partir do seu próprio ponto de vista, porém através do agir e do pensamento do colonizador.

No caso particular do continente da América Latina, este sistema de dominação remonta ao período das invasões até os dias de hoje mediante o paradigma da modernidade eurocêntrica. Este paradigma é fundamentado na opressão, na violência, na destruição, no desrespeito às culturas de outros povos e na visão antropocêntrica e imediatista baseada na seguinte premissa: os dominadores

podem explorar a natureza e os dominados para satisfazer as suas vontades sem o cuidado e a responsabilidade com o planeta terra e com o futuro das gerações atuais e vindouras.

Em síntese, essa modernidade se impõe por uma epistemologia centrada no eu absoluto - a partir do continente europeu -, que é forjada na opressão violenta caracterizada pela primazia da competitividade, pelo não reconhecimento à diversidade cultural dos povos do Sul global e pelo aniquilamento dos ecossistemas. A esse respeito, Bautista (2013) afirma que

A modernidade aparece como sistema-mundo (mediante a invasão e colonização europeia, desde 1492), subordinando o resto do planeta como periferia de um centro de um domínio mundial: Europa ocidental. Desde esse centro se desestrutura todos os outros sistemas civilizatórios de vida e se inaugura, pela primeira vez na história das civilizações, um processo de pauperização a escala mundial, tanto humana como planetária. Trata-se de uma forma de vida que, a partir da conquista e da colonização do novo mundo, marca o início de uma época, que em cinco séculos, produziu os maiores desequilíbrios, não apenas humanos mais também ao meio ambiente. Quer dizer, uma forma de vida para “desenvolver-se” deve destruir constantemente. Para encobrir isto, produz um conhecimento que justifica essa aposta como inevitável e boa (antes, apenas os fortes podiam sobreviver. Agora, somente os competitivos); o que enquanto Ciência e Filosofia formaliza-se um discurso sofisticado da dominação com base na racionalidade: eu vivo se tu não vives, eu sou se tu não és. (BAUTISTA, 2013, p. 12-13).

No atual momento histórico da humanidade, a razão neoliberal aprofunda essa Epistemologia calcada em um ensino e aprendizagem consignados pela veiculação de projetos e práticas sociais negadoras da vocação ontológica do ser mais, advogada por Paulo Freire, e como – consequência dessa negação – anunciam e prescrevem lições aos indivíduos - no interior das escolas e nos demais espaços da sociedade – dentro da ótica e prerrogativa mercantis assumidas pelas empresas.

Para a efetivação dessas lições, todos os sistemas e subsistemas da sociedade são impregnados por essa razão neoliberal, que normatizam o modo de funcionar de quase todos os lugares da sociedade, impondo aos indivíduos que se comportem dentro de um perfil fundamentado em características, tais como: competitividade em grau elevado, flexibilidade, adaptação ao tempos de incerteza do mercado, adesão total aos receituários do mercado como ente regulador da vida, consumismo, adoção de um viver fundado na fluidez e na adoção de relações caracterizadas pela ausência de laços fortes e duradouros e pelo individualismo.

Em particular, a Escola assume o discurso neoliberal, a partir de uma Pedagogia voltada aos interesses empresariais, por meio da formação e da conformação de um ser humano dócil e comportado às premissas da ética da empresa, forjada no pensamento único em favor do lucro máximo e da eficácia. Para isso, é preciso moldar as pessoas para guiar e conduzir suas vidas pela racionalidade neoliberal, a qual

produz o sujeito de que necessita ordenando os meios de governá-lo para que ele se conduza realmente como uma entidade em competição e que, por isso, deve maximizar seus resultados expondo-se a riscos e fracassos. “Empresa” é também o nome que se deve dar ao governo de si na era neoliberal. (DARDOT e LAVAL, p. 328).

Logo a educação é concebida e comunicada em sintonia estreita com o viés econômico, cuja formação humana acontece a partir de mecanismos e técnicas de ensino que prepara os indivíduos para atender o utilitarismo demandado pelas organizações internacionais, como é o caso da

organização do comércio, de governos e de empresários. Essas técnicas moldam esses indivíduos para planejar e organizar todos os passos de sua vida como sendo uma empresa individual.

Dessa feita, há uma organização eficiente da *alma* e do *corpo* desses indivíduos, isto é, de suas subjetividades, por meio do emprego dessas técnicas, que envolvem a Programação Neurolinguística e Análise Transacional, as quais trabalham os seus ensinamentos na direção da construção da personalidade do indivíduo com vistas à gestão deste com base no controle das emoções de si mesmo, na busca da eficácia em suas ações para vencer na vida, na comunicação eficiente para convencer o público em geral e no condicionamento psicológico para se adaptar a qualquer situação histórica.

Toda essa gestão está balizada e direcionada para que as pessoas atuem de maneira unidimensional para garantir a presença da força da razão neoliberal em todos os lugares. Para tanto, essa razão é ensinada e se torna hegemônica, nas escolas, por meio dos conhecimentos adquiridos sob a cartilha da pedagogia das competências vinculada à ética neoliberal.

Essa tendência utilitarista adquiriu uma atualidade extremamente forte. Como prova, vemos, por exemplo, a promoção de ideias e conceitos de “capital humano”. Por todo lugar, vê-se a mesma lógica aplicada: os estudos devem ser orientados na aquisição de conhecimento, competência cuja finalidade principal seria econômica. É a “chamada nova ordem econômica mundial”. É a escola adaptada ao capitalismo de hoje, a escola neoliberal, conforme os princípios de uma sociedade que se identifica mais ao mercado. A escola deve ser administrada como uma empresa, porque a educação é confundida como um produto privado, uma mercadoria. (LAVAL, 2013, p.01).

Essas políticas de cunho neoliberal, que invadem a escola, promovem a desagregação, em primeiro lugar, da escola pública como um espaço destinado à formação para o empoderamento e a emancipação social das pessoas e, como resultado dessa desagregação, produz uma vitimização dos jovens que frequentam as escolas públicas, por intermédio de um ensino que desenvolve destrezas para a manutenção e a reprodução dos interesses privados e utilitários. Nessa direção, Hirtt (2014) expressa que:

A primeira vítima destas políticas é a mesma escola pública. A individualização da relação com a formação, a difusão de uma ideologia empresarial, os quase mercados escolares, a redução do gasto público em educação e as “parcerias” escola – empresa abrem cada vez mais a porta do ensino a sua conquista pelo setor privado. Mas a principal vítima é o jovem que sai dessa escola. Terá feito dele um trabalhador adaptável, não desenvolvendo sua compreensão da mudança, mas quebrando sua resistência a mudança; não através de uma emancipação cultural mais por meio de uma privação a cultura. (HIRTT, 2014, p.14).

Nesse sentido, a educação não tem como fim a satisfação das necessidades éticas e estéticas das pessoas e sim, os corolários do capitalismo, cuja finalidade primeira é o lucro em detrimento da redistribuição equitativa da riqueza.

Assim sendo, os saberes construídos na escola são subordinados a teoria do capital humano, que apregoa que o desenvolvimento de um país está diretamente relacionado com os investimentos realizados na formação individual de cada ser humano, partindo-se da premissa de que todos os países e todas as pessoas estão no mesmo patamar e nas mesmas condições de se desenvolverem.

Diante desse cenário de domínio hegemônico da razão capitalista neoliberal vigente no mundo da escola e de outros espaços da sociedade, é possível sonharmos com outra sociedade ancorada em uma razão solidária. Parafraseando Paulo Freire, apesar de difícil, porém não é impossível de construirmos outra escola e outra sociedade consubstanciada em valores da autonomia, da justiça, do cuidado e da compaixão com toda a comunidade da vida. Nesse sentido, no próximo tópico a seguir – deste artigo – vamos enunciar a ideia da implantação de uma nova razão solidária a partir dos pressupostos da Epistemologia de Paulo Freire.

RECONSTRUIR A ESCOLA E A SOCIEDADE A PARTIR DO PENSAMENTO DE PAULO FREIRE

Para se reconstruir a escola e a sociedade contemporânea, é urgente e imprescindível que se estabeleça no mundo das escolas e de outros subsistemas da sociedade uma profunda reviravolta epistemológica no modo de pensar e agir acerca do modelo de organização social a que estamos submetidos no presente momento.

Essa reviravolta, a nosso ver, deve ser impregnada de propósitos e ações político-pedagógicas, que promovam e induzam mudanças nos aspectos sociais, político, culturais e ambientais no sentido da implantação de uma transformação da cultura da racionalidade neoliberal para uma cultura do bem viver forjada na cooperação entre todos os seres humanos.

Esta cultura pode e deve ser erguida a partir de uma tomada de decisão a partir da conscientização entre os sujeitos acerca da situação de opressão e injustiça social, a que uma maioria da humanidade está submetida, acarretada pelos desmandos do capitalismo neoliberal, e a partir dessa conscientização, fazer a denúncia dessa situação concomitante com o anúncio de uma nova razão, a razão solidária, a qual é sustentada em quatro pilares fundamentais: a compaixão, o cuidado, a autonomia e a justiça social.

Esses quatro pilares devem ser instituídos como os sustentáculos de um novo modelo de desenvolvimento social, cultural e político com vistas à edificação de um mundo em que a existência plena de toda comunidade da vida possa emergir de verdade, no que se refere a um mundo onde caibam todas as pessoas e que a preocupação com o cuidado com a natureza seja o imperativo a ser seguido pelos indivíduos de maneira isolada, bem como pela sociedade civil e pelos governos do mundo conjuntamente.

Para tanto, é preciso que as ações de todos, que compõem a sociedade, sejam estruturadas em torno de um ensino e de uma aprendizagem calcadas nas categorias da ética do humano e do diálogo como mandamentos primeiros da vida, ou seja, que o individualismo e a competitividade da razão neoliberal cedam lugar aos encontros genuínos - sustentados pela cooperação e pela simetria entre os interlocutores da comunicação desses encontros – e também pelo respeito à alteridade do outro consubstanciada no cuidado e na compaixão.

Nesse sentido, é fundamental que se instaure uma educação voltada para emersão da pessoa como um ser aberto ao outro e aos problemas do mundo em que suas ações sejam pautadas por uma atitude de colaboração e amizade com o outro. Atitude esta que é criada e recriada pelo encontro recíproco entre os sujeitos desse encontro em que estes se solidarizem com as alegrias e os desencontros da vida, através de um processo comunicativo que tem como fim a transformação de uma situação de injustiça social para outra situação engendrada pela justiça social, a qual se apoia nos ditames da razão solidária. Essa razão se efetiva por um movimento de personalização que se contrapõe ao movimento de despersonalização da razão neoliberal.

Este movimento de personalização para que se torne uma realidade no mundo é fundamental que se eduque em favor da pessoa em contraposição à educação para o capital, ou seja que se promova, conforme as palavras de Mészáros (2005), uma educação para além do capital.

Na acepção de Mounier (1961), essa educação deve suscitar e promover o desabrochar da pessoa, a partir do campo da economia e da cultura nos seguintes termos: a economia não deve ser estruturada à margem da pessoa (a favor da lógica do capital), mas organizada sob os princípios da justiça social garantidores do atendimento às necessidades individuais das pessoas e das necessidades coletivas da comunidade de pessoas.

Já a cultura, deve possibilitar a realização da pessoa em todas as suas dimensões, no sentido de proporcionar a descolonização do imaginário narcísico e consumista com vistas à consignação de uma vida pautada pela abertura ao outro, pela transcendência, pelo não consumismo e pela solidariedade.

Dessa forma, essa educação parte da radicalidade de sujeitos comprometidos com a libertação dos seres humanos, no que se refere à tomada da posição desses indivíduos como sujeitos críticos a partir do diálogo entre ação e reflexão da realidade local - a que esses indivíduos estão imersos - num processo metodológico fundado numa leitura e julgamento compartilhados dessa realidade e da realidade nacional e mundial.

Esse processo se dá no fazer colaborativo entre esses indivíduos em prol da transformação social, que emergem localmente e se espalham e se comunicam com outros processos complementares ou da mesma natureza, que ocorrem e estão por emergir em outras regiões do mundo.

Com efeito, esse processo metodológico pressupõe a comunhão entre os seres humanos, que acontece, conforme Berdieaff (1935), no amor como encontro do eu e do tu, isto é, a partir da realização da utopia como uma humanização concreta, no sentido cunhado por Bloch (2005), que se configura historicamente pela radicalização crítica do diálogo entre os seres humanos em que cada um deles atua em consonância com o outro, respeitando a opinião deste e - ao respeitar esta opinião - estabelece uma comunicação que não sufoca e não exclui esse outro.

Nesse sentido, a Epistemologia de Paulo Freire pode contribuir em muito em diálogo com outros autores sintonizados com o humanismo revolucionário do autor citado. Dessa feita, reiteramos

que essa Epistemologia, por estar abarcada na ética fundada no cuidado e na compaixão a toda comunidade da vida e no diálogo entre os seres humanos, pode ajudar no sentido da construção de um mundo mais humano e solidário tanto nos espaços das escolas como em outros espaços da sociedade.

Em todas as suas obras, Freire enfatizou o diálogo entre educadores e educandos como ponto de partida e de chegada para a edificação de um viver sustentado em relações político-pedagógicas em que a reflexão e a ação, críticas e amorosas, sempre conversam de “mãos dadas” no sentido de propor à problematização e a interlocução acerca das questões inerentes à realidade social com vistas à transformação social, cujo núcleo central é a não subjugação do outro. Nesse Caminho, Freire diz:

Que implica no enraizamento que o homem faz na opção que fez, é positiva, porque preponderantemente crítica. Porque crítica e amorosa, humilde e comunicativa. O homem radical na sua opção, não nega ao outro o direito de optar. Não pretender impor a sua opção. Dialoga sobre ela. Está convencido de seu acerto, mas respeita no outro o direito também de julgar-se certo. Tenta convencer e converter, e não esmagar o seu componente. Tem o dever, contudo, por uma questão mesma de amor, de reagir à violência dos que lhe pretendem impor o silêncio. (FREIRE, 1967, p.49).

Em um de seus livros, intitulado Educação e Mudança, Paulo Freire reitera esse compromisso com a cooperação e a comunhão, engendradas no quefazer político e pedagógico dialógico entre os sujeitos responsáveis pelo ensino e pela aprendizagem, no que diz respeito ao estabelecimento de uma relação intersubjetiva - em que todos crescem de forma conjunta – em substituição ao monólogo dos relacionamentos pautado pela seguinte característica: um dos polos desses relacionamentos é o sujeito e o outro polo é o objeto. Assim, Freire afirma:

Sem dúvida, ninguém pode buscar na exclusividade individualmente. Esta busca solitária poderia traduzir-se em um ter mais, que é uma forma de ser menos. Esta busca deve ser feita com os outros seres que também procuram ser mais e em comunhão com outras consciências, caso contrário se faria de umas consciências, objetos de outras. Seria “coisificar” as consciências. Jaspers disse: “eu sou na medida em que os outros também são”. O homem não é uma ilha. É comunicação. Logo, há uma estreita relação entre comunhão e busca. (FREIRE, 1979, p.28).

Numa perspectiva do respeito as diferenças culturais, que é um dos elementos para a emergência de uma razão solidária planetária, por meio da união da diversidade de povos para a construção de uma unidade comum, Paulo Freire contribuiu e contribui com os seus ensinamentos a respeito do diálogo intercultural como fator para o desenvolvimento humano, no que se refere a importância de cultivar a identidade cultural num processo de abertura para a aprendizagem de outros valores e conhecimentos culturais de outros povos diferentes da realidade autóctone de um determinado povo.

Muita gente deve ter dito o que vou dizer agora. Percebi quão fortes são as nossas marcas culturais. Mas quão mais fortes elas se tornam na medida em que não as idealizamos. Na verdade, no momento que começa a dizer: não, tudo o que é bom, só é chileno, as marcas da cultura enfraquecem. Mas, na medida em que, em que lugar da idealização das tuas marcas, tu as tratas bem, cuidas delas seriamente, sem absolutizá-las, então percebes que, sem elas, te seria difícil, inclusive receber outras marcas que, ao lado da tua história pessoal, fossem significativas. (FREIRE, 1985, p.17).

No livro *Pedagogia do Oprimido*, Freire destaca a presença do diálogo como um dos aspectos essenciais para a emergência de uma sociedade constituída por inúmeros encontros eu-tu, descritos por Buber (2001), caracterizados pela cooperação entre as pessoas no sentido da efetivação de uma vida em que estas pessoas saem de si em direção as outras para partilhar as experiências com vistas à edificação do nós comunitário e, conseqüentemente, de uma comunidade de pessoas em que a razão que impera é a razão da solidariedade em todos os setores da vida.

O eu dialógico, pelo contrário, sabe que é exatamente o tu que o constitui. Sabe também que, constituído por um tu – um não-eu -, esse tu que o constitui se constitui, por sua vez, como eu, ao ter no seu um tu. Desta forma, o eu e o tu passam a ser, na dialética destas relações constitutivas, dois tu que se fazem dois eu. Não há, portanto, na teoria dialógica da ação, um sujeito que domina pela conquista e um objeto dominado. Em lugar disto, há sujeitos que se encontram para a pronúncia do mundo, para a sua transformação. (FREIRE, 2005, p.192).

Em outra passagem dos seus escritos, Freire enfatiza a relevância do diálogo como encontro amoroso entre as pessoas, no que concerne ao papel que o amor desempenha no desenvolvimento do indivíduo como pessoa como um ser de cuidado e da sociedade como uma rede de elos fraternos e solidários, capazes de superar o desamor existente nas situações opressoras que até os dias de hoje perduram hegemonicamente, ou seja, o amor é fundamental para a supressão da opressão e ao mesmo tempo para a instauração de uma sociedade forjada na justiça social em que não há indivíduos oprimidos e opressores .

Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação. Nesta, o que há é patologia de amor: sadismo em quem domina; masoquismo nos dominados. Amor, não. Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico. Como ato de valentia, não pode ser piegas; como ato de liberdade, não pode ser pretexto para a manipulação, senão gerador de outros atos de liberdade. A não ser assim, não é amor. Somente com a supressão da situação opressora é possível restaurar o amor que nela estava proibido. Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo. (FREIRE, 2005, p.94).

A temática da ética, sustentada em uma razão solidária, perpassa quase a totalidade de páginas dos últimos livros escritos por Paulo Freire: *Pedagogia da Autonomia* e *Pedagogia da Indignação*. Este autor reitera com veemência a ética universal do humano como um valor imprescindível para a formação dos indivíduos como pessoas atuantes e comprometidas com a causa de um humanismo revolucionário, ao qual se pauta por atos marcados pela denúncia da injustiça social e ao mesmo tempo pelo anúncio e, em consequência desse anúncio, por uma fazer político e pedagógico voltado para práticas pedagógicas solidárias, que favoreçam a emergência do humano em detrimento da razão neoliberal fundada na mercantilização da vida.

A respeito dessa mercantilização da vida, em tom de denúncia, Freire enfatiza – no livro *Pedagogia da Autonomia* - a importância de uma tomada de posição dos sujeitos envolvidos na prática político-pedagógica, no que se refere a um agir guiado pela denúncia das iniquidades perpetradas pela ética de natureza neoliberal concomitante com o anúncio de um mundo novo erigido sob uma nova ordem, consubstanciada numa ética a favor do humano em contraposição à ganância e a ira da ética do mercado. Assim, ele diz:

Educadores e educandos não podemos, na verdade, escapar à rigorosidade ética. Mas, é preciso deixar claro que a ética de que falo não é a ética menor, restrita, do mercado, que se curva obediente aos interesses do lucro. Em nível internacional começa a aparecer uma tendência em acertar os reflexos cruciais da 'nova ordem mundial', como naturais e inevitáveis. Num encontro internacional de ONGs, um dos expositores afirmou estar ouvindo com certa frequência em países do Primeiro Mundo a ideia de que crianças do Terceiro Mundo, acometidas por doenças como diarreia aguda, não deveriam ser salvas, pois tal recurso só prolongaria uma vida já destinada à miséria e ao sofrimento. Não falo, obviamente, desta ética. Falo, pelo contrário, da ética universal do ser humano. Da ética que condena o cinismo do discurso citado acima, que condena a exploração da força de trabalho do ser humano, que condena acusar por ouvir dizer, afirmar que alguém falou A sabendo que foi dito B, falsear a verdade, iludir o incauto, golpear o fraco e indefeso, soterrar o sonho e a utopia, prometer sabendo que não cumprirá a promessa, testemunhar mentirosamente, falar mal dos outros pelo gosto de falar mal. (FREIRE, 2013, p.17).

Nesse mesmo livro, em outro fragmento, Freire reafirma essa denúncia acerca da racionalidade neoliberal vigente:

O discurso da globalização que fala da ética esconde, porém, que a sua é a ética do mercado e não a ética universal do ser humano, pela qual devemos lutar bravamente se optarmos, na verdade, por um mundo de gente. O discurso da globalização astutamente oculta ou nela busca penumbrar a reedição intensificada ao máximo, mesmo que modificada, de medonha malvadez com que o capitalismo aparece na história. O discurso ideológico da globalização procura disfarçar que ela vem robustecendo a riqueza de uns poucos e verticalizando a pobreza e a miséria de milhões. O sistema capitalista alcança no neoliberalismo globalizante o máximo de eficácia de sua malvadez intrínseca. (FREIRE, 2013, p. 124-125).

Diante do descuido com o Planeta Terra, a nosso ver, a responsabilidade e o cuidado com a vida, como valores indispensáveis para o despertar de uma razão solidária, tem de se fazer presente em qualquer programa de políticas públicas em educação, de qualquer nação do mundo, no sentido de que se torne efetivo nos espaços pedagógicos das escolas e demais espaços das sociedades um pensar de modo global partindo de ações político-pedagógicas locais que contemplem práticas sociais embebidas de participação, de solidariedade, de cooperação e de respeito acerca dos temas ambientais.

Dessa maneira, cabe instaurar iniciativas locais entre todos os países do mundo no sentido de se produzir ações pedagógicas e políticas, através de um contrato entre esses países, em torno de relações de cooperação que possibilitem uma atuação conjunta em favor da integridade da vida humana e da vida extra-humana.

Portanto, é imprescindível que se implante - a partir do local - um modo de vida engendrada no bem querer e no zelo por todas as formas de vida, que em comunicação com os outros lugares do planeta, que comunguem com esse modo de vida, possam constituir uma solidariedade planetária em torno da ecologia integral formada pela sinergia constituída pelo elo entre o social e o ambiental.

Com relação a esses temas ambientais, Freire (2000) anuncia, com veemência, que é preciso cuidar dos seres humanos e dos outros seres vivos. Nesse sentido, segundo ele, é preciso cuidar da vida na perspectiva da Ecologia integral em que tanto os seres humanos e os outros seres (vegetais e os outros animais) devem ser cuidados para que não sejam espoliados. Nesse sentido, é primordial que toda pedagogia libertadora inclua nos seus currículos e nas suas práticas pedagógicas os temas

inerentes a causa ecológica. Desse modo, ele diz que:

O acatamento ao outro, o respeito ao mais fraco, a reverência à vida não só humana mas vegetal e animal, o cuidado com as coisas, o gosto da boniteza, a valoração dos sentimentos, tudo isso reduzido a nenhuma ou quase nenhuma importância. Se nada disso, a meu juízo, diminui a responsabilidade desses agentes da crueldade, o fato em si de mais esta trágica transgressão da ética nos adverte de como urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais como do respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e das florestas. Não creio na amorosidade entre mulheres e homens, entre os seres humanos, se não nos tornamos capazes de amar o mundo. A ecologia ganha uma importância fundamental neste fim de século. Ela tem de estar presente em qualquer prática educativa de caráter radical, crítico ou libertador. Não é possível refazer este país, democratizá-lo, torná-lo sério com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. (FREIRE, 2000, p. 66-67).

Como palavras finais, diríamos - a partir desse breve “passeio” por algumas obras de Paulo Freire - que encontramos várias afirmações deste autor a respeito da necessidade de se construir um novo mundo aportado na emersão do indivíduo como pessoa imersa numa comunidade em que o diálogo e a ética universal do ser humano prevaleçam em substituição ao nosso mundo atual formado por sociedades, cujos valores predominantes estão apoiados na razão neoliberal individualista e competitiva.

Nesse sentido, verificamos a atualidade da epistemologia de Paulo Freire com vistas à efetivação de projetos que permitam o desabrochar da humanização plena, na escola em outros lugares da sociedade, construída por valores da razão solidária: o diálogo e a ética universal do ser humano.

Estes projetos devem ter como teoria e como prática a força de um movimento dialógico em que os sujeitos envolvidos, nas ações político-pedagógicas, criem e recriem as tarefas e ações cotidianas dentro do marco da democracia participativa em prol do desenvolvimento local das potencialidades humanas - que deve estar necessariamente em comunicação com outros projetos realizados em outras escalas (nacional e global) – dentro de uma perspectiva da equidade e justiça social, bem como da emancipação dos sujeitos como seres atuantes em favor da liberdade.

Para que essa emancipação surja, se faz necessário que aconteça um movimento em todos os espaços da sociedade, por intermédio de iniciativas de natureza ética e estética, que suscite e que favoreça a realização de práticas políticas pedagógicas fundamentadas no cuidado, na compaixão, na cooperação com toda a comunidade da vida, ou seja, que se eduque em favor da pessoa como contraponto à educação do capital, que vigora atualmente, ou seja, que os educandos, e educadores da escola e demais pessoas das sociedades sejam educadas a partir de pressupostos epistemológicos forjados numa concepção eminentemente humana, como é o caso da práxis de Paulo Freire e de outros autores que defendem e propagam o humanismo em oposição à lógica da ética neoliberal.

Portanto, que educandos, educadores e demais profissionais da sociedade sejam formados continuamente dentro de uma perspectiva que uma a beleza e a decência na criação no agir cotidiano.

Por fim, gostaríamos de lembrar - que como afirma Paulo Freire – a educação sozinha não transforma o mundo, porém sem ela não acontecerão as mudanças necessárias no sentido da

construção de uma sociedade mais humana e fraterna. Nesse caminho, poderíamos apostar numa educação estruturada na utopia concreta do inter-humano nas escolas, nas empresas, governos, movimentos e organizações, ou seja, que todos os espaços da sociedade - a economia, a política, a cultura, o social - sejam guiados no, pelo e com amor, bem como pela luta incessante da irrupção, em última instância, da solidariedade como elemento de coesão e manutenção da vida.

REFERÊNCIAS

1. BAUMANN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 2010.
2. BAUTISTA, Rafael S. El nuevo horizonte del “vivir bien”. In: FARAH, Ivonne; TEJERINA, Verónica. **Vivir bien: infancia, genero y economia entre la teoria e la práctica**. Lapaz: CIDES-UMSA, 2013.
3. BERDIAEFF, Nicolau. **Cinco meditações sobre a existência: solidão sociedade e comunidade**. Lisboa: Guimarães Editores, 1961.
4. BLOCH,,Ernst. **O Princípio esperança**. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed UERJ,2005.
5. BUBER, Martin. **Eu e tu**. São Paulo: Centauro, 2001.
6. CORTINA, Adela. **Para qué sirve realmente a la ética?** Barcelona: Paidós, 2013.
7. DARDOT, Pierre; LAVAL, Cristian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.
8. FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
9. _____. Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
10. _____. Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
11. _____. Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
12. _____. Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

13. _____. Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
14. HIRTT, Nico. La educación em la era de las competencias. **Revista Electrónica Interuniversitaria de Formación del Profesorado**, Zaragoza, v.13, n.02. 2010.
15. LAVAL, Christian. **A Escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. Londrina: Editora Planta, 2004.
16. MÉSZÁROS, István. **Educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.
17. MOUNIER, Emmanuel. **Manifeste au service Du personnalisme**. Oeuvres. T.1. Paris: Le Seuil, 1961.
18. MURARO, Rose Marie. **Um outro capital/dinheiro**. Disponível em: <<https://leonardoboff.wordpress.com/2012/07/13/um-outro-capitaldinheiro-rose-marie-muraro/>>. Acesso em 22 de janeiro de 2017.
19. SANTOS. Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

josé wnilson figueiredo

Doutor em Ciências Educativas. Professor efetivo no Instituto Federal Catarinense – Campus Concórdia. Integrante do GEEP - Grupo de Estudos de Educação Popular, Movimentos e Organizações Sociais Instituto Federal Catarinense – IFC – Concórdia – Santa Catarina – Brasil.

Walter Frantz

Doutor em Ciências Educativas. Professor do Programa de pós-graduação em Educação nas Ciências da UNIJUI. Integrante do GEEP - Grupo de Estudos de Educação Popular, movimentos e organizações sociais. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ – Ijuí – Rio Grande do Sul – Brasil.

Como citar este documento

FIGUEIREDO, josé wnilson; FRANTZ, Walter. (re) construir a escola e a sociedade a partir da epistemologia de Paulo Freire. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 26, n. 1, abr. 2018. ISSN 1982-9949. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/8936>>. Acesso em: _____. Doi :<http://dx.doi.org/10.17058/rea.v26i1.8936>.